

A Fitofarmacopéia da Comunidade Pesqueira de Marudá, Litoral Paraense¹

The Phytopharmacopedia of the Marudá Fishing Community on the Coast of Pará State, Brazil¹

Márlia R. Coelho-Ferreira²
Manoela F. F. da Silva²

Resumo: Este trabalho fez parte de um estudo de resgate e documentação dos saberes tradicionais sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Marudá, localizada no município de Marapanim, estado do Pará. Teve por objetivo o levantamento etnobotânico, apresentando e discutindo dados botânico-ecológicos, bem como a representatividade dessas plantas. Utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas e de campo, discussões informais, observação participante e coleta de material botânico. O universo amostral foi constituído por 37 informantes, mulheres, mães de família, cujas idades variam de 24 a 82 anos. Foram catalogadas 228 espécies (223 identificadas a nível específico e cinco até família), distribuídas em 175 gêneros e 77 famílias. As espécies componentes dessa fitofarmacopéia apresentam hábitos diversos e são exploradas nos inúmeros habitats ocorrentes na vila e seu entorno. *Himatanthus sucuuba* (Spruce) Woodson e *H. articulata* (Vahl) Woodson, *Dalbergia monetaria* L.f. e *D. ecastophyllum* (L.) Taub., *Arrabidaea chica* Verl., *Boerhaavia diffusa* L., *Carapa guianensis* Aublet e *Conarus perrottetii* (DC) Planchon var. *angustifolius* Raldek destacam-se entre as plantas que obtiveram maior frequência de citação.

Palavras-Chave: Etnobotânica. Litoral amazônico. Plantas medicinais.

Abstract: This paper is part of a salvage study documenting the traditional knowledge of medicinal plants used in the community of Marudá, located in the municipality of Marapanim, in Pará state's coastal region. Its aim is to survey this community's ethnobotany, focusing on botanical-ecological data, as well as examining the cultural significance of Marudá's plants. Fieldwork entailed semi-structured interviews and informal discussions, participant observation, and the collection of botanical material. In all, 37 women were interviewed, all mothers, ranging in age from 24 to 82. Information was obtained on 228 species from 175 genera and 77 families. The species of this vegetal pharmacopoeia display diverse habits and were obtained from various habitats encountered in Marudá and its vicinities. The plants mentioned most by informants were *Himatanthus sucuuba* (Spruce) Woodson and *H. articulata* (Vahl) Woodson, *Dalbergia monetaria* L.f. and *D. ecastophyllum* (L.) Taub., *Arrabidaea chica* Verl., *Boerhaavia diffusa* L., *Carapa guianensis* Aublet and *Conarus perrottetii* (DC) Planchon var. *angustifolius* Raldek.

Key Words: Ethnobotany. Coastline of the Amazon region. Medicinal plants.

¹ Parte da Tese de Doutorado em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará / Museu Paraense Emílio Goeldi / EMBRAPA-CPATU.

² MPEG - Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Botânica. Cx. Postal, 399. CEP 66.040-170. Belém-PA. (mcoelho@museu-goeldi.br)



INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, estudos etnobotânicos, em particular com enfoque medicinal, têm sido conduzidos na Amazônia brasileira, em diferentes abordagens situadas ao longo da evolução desta área do conhecimento. Assim, o panorama de tais estudos vai desde a compilação ou listagem de plantas, com suas identificações taxonômicas e usos (BERG, 1982; BERG; SILVA 1988a, b), passando pela compreensão e contextualização (CAVALCANTE; FRICKEL, 1973; PRANCE, 1987; FURTADO *et al.*, 1978; BRANCH; Silva 1983; AMOROZO; GÉLY 1988; DI STASI *et al.* 1989; SCHULTES; RAFFAULF, 1990; AMOROZO, 1993), manejo (AMOROZO; GÉLY, 1988; MING, 1995) até a comercialização (BERG, 1984; COELHO-FERREIRA, 1996).

Quanto aos ecossistemas amazônicos explorados nesses estudos, parece haver um interesse preferencial pelas áreas de floresta; todavia, a região possui um extenso litoral, pouco estudado nesse sentido. Por sua vez, a costa do estado do Pará, cuja extensão é superior a 1,5 km, a leste da desembocadura do rio Amazonas, caracterizada por manguezais e restingas, exibindo abundância em recursos alimentares e beleza cênica, constitui-se em importante centro de migração e turismo, que vem sofrendo rápidas transformações. Entre estas, destacam-se os conflitos da pesca (entre pescadores tradicionais e industriais), as transformações nas estratégias de subsistência, o empobrecimento de várias comunidades pesqueiras e a crescente intervenção das mulheres nas questões da pesca e na luta de seus companheiros pela conquista de direitos de cidadania, recuperação de suas posições na reprodução social e dos valores da comunidade como fonte de produção de alimentos. Configura-se, portanto, como uma área prioritária para estudos, tanto no que tange às ciências naturais quanto à social e humana.

Poucos trabalhos alusivos ao tema proposto foram realizados nesta microrregião. Dois estudos enfocando diretamente os saberes tradicionais sobre o mundo vegetal destacam-se: Furtado, Souza e Berg (1978) que, pioneiramente, descrevem a utilização das plantas medicinais no município de Marapanim, procurando justificar a sua utilização mais intensiva no meio rural em relação ao meio urbano e Bastos (1995), onde a autora documenta o uso cotidiano das formações vegetacionais da restinga e do manguezal por três comunidades pesqueiras, mencionando algumas espécies consideradas medicinais. Buscou-se neste trabalho levantar as plantas medicinais da comunidade pesqueira de Marudá, mostrando a utilidade daquelas como recurso terapêutico valioso para esta comunidade.

MATERIAL E MÉTODOS

A continuidade da pesquisa desenvolvida pelo RENAS³, a carência de assistência médica oficial e a persistência de fortes traços culturais referentes à relação entre os seus habitantes e o meio que os cerca determinaram a escolha da comunidade de Marudá como área de estudo. Esta vila situa-se ao norte da ilha homônima, na costa do município de Marapanim, Zona do Salgado Paraense, cercada por águas salgadas e salobras. Localizada entre as coordenadas geográficas 47°40'24" a 47°38'00"W. Gr. e 00°37'06" a 00°34'42"S, Marudá dista 14 km da sede do município, com o qual se comunica pela Rodovia PA-318. A partir daí, segue a rodovia PA-136 até Castanhal, onde passa-se à rodovia federal Belém-Brasília para alcançar a capital do estado.

Segundo Furtado (1987), Marudá é de existência posterior a 1930, estando o seu povoamento ligado à exploração pesqueira na costa norte do Pará e na contra-costa do Marajó. Os primeiros moradores

³ Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Haliêuticas: Estudo da relação Homem-Meio Ambiente na Amazônia

migraram das áreas interiores do município de Marapanim, isto é, da região de água doce e do município de Soure, na ilha de Marajó.

A pesca é a principal atividade de seus moradores, em função da recompensa quase imediata ao trabalho despendido na sua prática. O roçado passa a ocupar uma atividade secundária e, até mesmo, praticamente inexistente; poucas famílias continuam a praticá-lo, e quando isto ocorre, dá-se em sítios afastados em direção à região de água doce. Além do mais, o solo arenoso não é realmente próprio para o plantio – outrora praticado pelos seus primeiros habitantes. No âmbito de sua religiosidade⁴, os marudaenses dizem-se, majoritariamente, católicos e contam com 4 igrejas: de São Pedro, São Benedito, Nossa Senhora das Graças e Maria Auxiliadora. Os evangélicos representam uma menor parcela da população, cujos cultos acontecem na Assembléia de Deus e Igreja da Paz. Embora se digam católicos ou evangélicos, cultos de cunho afro-brasileiro estão difundidos nessa comunidade de maneira bem expressiva, embora nem sempre declarada.

A cobertura vegetal presente na região corresponde à vegetação de restinga, manguezal, matas alterada e secundária. De acordo com Costa Neto *et al.* (1996), sob o ponto de vista fisionômico a área de restinga adjacente à praia de Marudá é constituída por sete formações vegetais: halófila, psamófila reptante, brejo herbáceo, dunas interiores, campo entre dunas, campo de restinga e mata de restinga. O manguezal é constituído de árvores de pequeno, médio e grande portes que, conforme Bastos, Rosário e Lobato (1995), são representadas por *Rhizophora mangle* L. (mangueiro), *Laguncularia racemosa* (L.) Gaertn. (tinteiro) e *Avicennia germinans* (L.) Stearn. (siriubeira). A vegetação

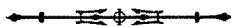
primária ocorrente na área encontra-se alterada pela extração seletiva de espécimes para usos diversos, tais como construção civil, feitura de currais, utensílios utilizados em casa e na pesca, artesanato etc. A vegetação secundária é conhecida regionalmente como capoeira, resultante da regeneração natural de áreas de floresta original, que foram devastadas no tempo, para estabelecimento da agricultura de subsistência.

O trabalho de campo teve início em março/1996, estendendo-se até outubro/1998. Com o acordo da comunidade, obtido em reunião na sede do Centro Comunitário, os informantes foram selecionados em função dos objetivos da pesquisa e da disponibilidade e do interesse em participar da mesma. Trabalhou-se com 37 informantes: todas mulheres e mães de família. Entre estas, seis informantes-chave foram selecionadas, em virtude de possuírem maiores conhecimentos sobre o objeto da pesquisa. Tratam-se de parteiras, benzedadeiras, curandeiras e raizeiras, as quais passam a ser denominadas "especialistas tradicionais". Entrevistas semi-estruturadas (BERNARD, 1988 *apud* ALEXIADES, 1996), observação participante (ALEXIADES, 1996; ETKIN, 1993), entrevista de campo (BOOM, 1987) e discussões informais foram as técnicas empregadas para a coleta de dados.

Quanto à coleta de material botânico, seguiram-se as técnicas usuais revistas por Ming (1996) para as espécies de uso medicinal. O material botânico foi identificado através da descrição das principais características vegetativas, além da comparação com exsicatas do Herbário João Murça Pires (MG). A identificação seguiu o sistema de Cronquist (1981).

A fim de verificar a representatividade das espécies, considerou-se a frequência de citação para cada

⁴ Esse termo foi empregado por Furtado (1987), "para expressar mais adequadamente as concepções religiosas de naturezas diversas, não estruturadas por uma única orientação religiosa (por exemplo, o catolicismo romano), expressando bem mais objetivamente o domínio religioso da comunidade marudaense".



espécie, dada pelo número de informantes que a citaram, pelo número de informantes citando a espécie mais citada (F_{ce}^+):

$$RE = \frac{F_{ce} \times 100}{F_{ce}^+}$$

As espécies que obtiveram índice de citação igual ou superior a 25% foram consideradas as mais representativas. O cálculo baseou-se nos trabalhos de Friedman *et al.* (1986) e Amorozo e Gély (1988).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram catalogadas 228 espécies distribuídas em 174 gêneros e 77 famílias (Anexo 1); estas encontram-se na divisão Magnoliophyta, sendo 64 pertencentes à classe Magnoliopsida (Dicotiledôneas) e 13 à classe Liliopsida (Monocotiledôneas). Lamiaceae, Euphorbiaceae, Asteraceae, Fabaceae, Caesalpiaceae, Apocynaceae e Araceae estão entre as 18 famílias que contribuíram com o maior número de espécies (Figura 1). Destas, 11 estão entre aquelas destacadas por Ming (1995) para a Reserva Extrativista Chico Mendes no Acre, sete foram também encontradas por Di Stasi *et al.* (1994) em três comunidades (urbana, ribeirinha e indígena) do Amazonas, enquanto as cinco primeiras coincidem com as encontradas por Somavilla (1998) em uma comunidade garimpeira do sudeste mato-grossense.

Várias destas famílias apresentam metabólitos secundários com potencialidade bioativa (CRONQUIST, 1981; SCHULTES, RAFFAUF 1990; GRENAND; MORETTI; JACQUEMIN, 1987) e de acordo com Souza Brito e Souza Brito (1993), as 12 primeiras famílias estão entre as mais freqüentemente pesquisadas no Brasil, onde Asteraceae, Fabaceae e Caesalpiaceae representam quase 25% do total de espécies estudadas, muitas das quais com atividades farmacológicas promissoras. Se por um lado esses dados atestam o importante

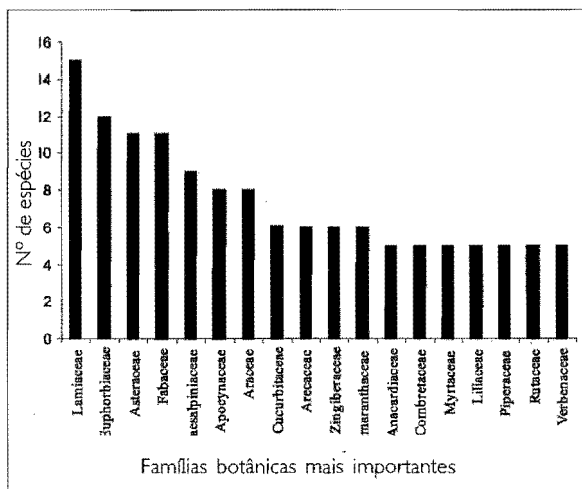


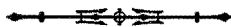
Figura 1. Distribuição do número de espécies nas famílias botânicas mais importantes na vila de Marudá, município de Marapanim, Pará.

papel que estas famílias assumem como fornecedoras de recursos terapêuticos valiosos no âmbito das farmacopéias tradicionais, bem como a dispersão destas na natureza, por outro, indicam a validade da abordagem etnobotânica/etnofarmacológica proposta neste estudo.

Grande parte das espécies identificadas em Marudá foi repertoriada por seus usos medicinais em outras localidades, conforme mostra a Tabela 1. Nessa avaliação comparativa, onde não se teve a pretensão de confirmar os usos medicinais para cada uma das espécies, fica demonstrado que uma expressiva parcela das espécies apresenta ampla distribuição na Amazônia.

Tabela 1. Número de espécies citadas por diversos autores como ocorrentes em localidades amazônicas, comuns às levantadas neste trabalho em Marudá.

Autores	nº de espécies comuns
Amorozo e Gély (1988):	
Amorozo (1997)	101
Urquiza <i>et al.</i> (1999)	73
MPEG/SECTAM (1999)	65
Furtado <i>et al.</i> (1978)	61
Branch e Silva (1983)	58
Ming (1995)	51
Fleury (1991)	40



Quanto ao hábito, conforme mostra a Figura 2, as espécies medicinais componentes dessa fitofarmacopéia são principalmente herbáceas (41%), seguidas de arbóreas (29%), arbustivas (15%) e escandentes (11%). A predominância de herbáceas foi constatada por Gottlieb, Borin e Bosisio (1995) ao analisarem inventários sobre uso de Angiospermas por índios Chácobo, Kayapó e Ka'apor, habitantes de diferentes localidades da região amazônica. O mesmo foi também verificado por Bennett e Prance (2000), em estudo realizado sobre as plantas introduzidas nas farmacopéias tradicionais do norte da América do Sul. Essa preferência pode ser explicada, segundo Gottlieb, Borin e Bosisio (1996) e Gottlieb e Borin (1997), pelo fato de serem as herbáceas mais evoluídas e, portanto, conterem a maior diversidade química. As lenhosas, mais primitivas, apresentam polifenóis adstringentes (taninos), os quais inibem as reações de oxidação, fundamentais para a síntese de vários metabólitos secundários; sendo, desta forma, menos quimicamente diversas.

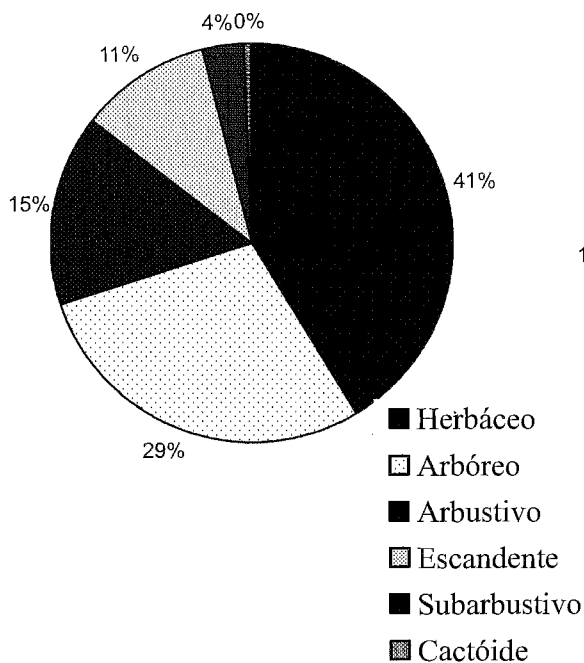


Figura 2. Distribuição das espécies medicinais por hábito, na vila de Marudá, município de Marapanim, Pará.

De acordo com a Figura 3, os quintais aparecem como o ambiente que mais contribui para a farmacopéia vegetal marudense (55%), sucedidos por mata secundária e restinga (12%), ambientes que sofrem constante influência antrópica (10%), florestas inundáveis e de terra firme (3%) e manguezal (2%).

Entre as espécies dos quintais, às quais são atribuídas propriedades medicinais, encontram-se inúmeras frutíferas (*Cocos nucifera*, *Psidium guajava*, *Annona muricata*, *Citrus sinensis*, *Carica papaya* e *Mangifera indica*), alimentícias/condimentares (*Erygium foetidum*, *Brassica oleracea*, *Sesamum indicum*, *Spilanthes oleracea*, *Cucumis anguria*, *Capsicum frutescens*), além de espécies com valor ornamental (*Plumeria rubra*, *Hybiscus rosa-sinensis*, *Bauhinia forficata*, *Hedychium coronarium*). Bennett e Prance (2000) ressaltam a importância de inúmeras dessas plantas nas farmacopéias tradicionais da América do Sul, muitas das quais introduzidas no continente americano à época das grandes viagens marítimas

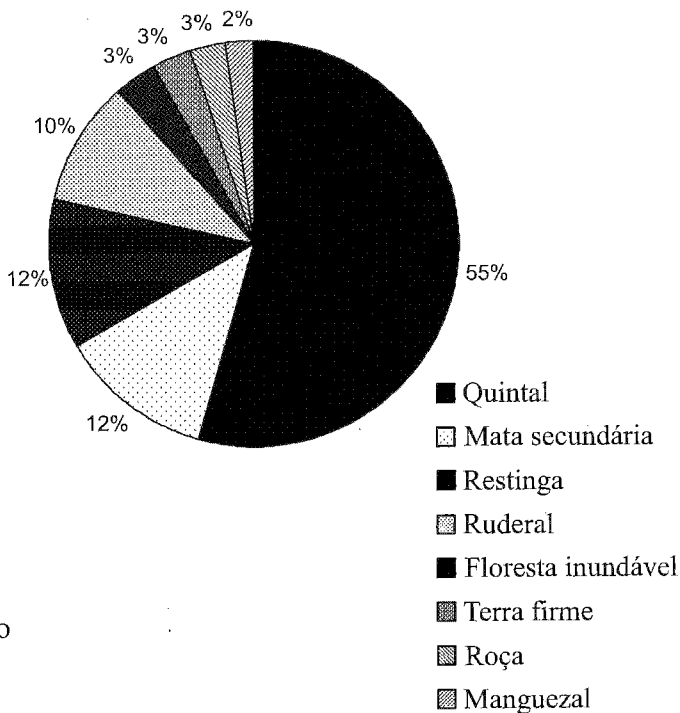


Figura 3. Distribuição das espécies medicinais por habitat, vila de Marudá, município de Marapanim, Pará.

empreendidas pelos europeus. Embora represente o habitat que menos contribui para essa fitofarmacopéia, se comparado à sua pequena diversidade vegetal, o manguezal é uma importante fonte de remédios. Entretanto, ao verificar a importância desse ecossistema para três comunidades pesqueiras do município de Marapanim, entre as quais se inclui Marudá, Bastos (1995) cita apenas duas espécies com aplicação medicinal. Essa diferença quantitativa é certamente explicada pelos objetivos propostos em cada trabalho, pelas diferentes técnicas empregadas e pelo tempo disponível em campo. Em Coelho-Ferreira (2001) a distribuição das espécies por habitat e algumas formas de relação que envolvem a comunidade estudada e as plantas observadas em campo foram amplamente discutidas.

Das 228 espécies identificadas, 73 (32%) são mais representativas, uma vez que apresentaram frequência de citação (Fce) maior ou igual a 25% (≥ 5 citações). Nenhuma foi citada por todas as informantes, o que indica tanto uma diversidade florística como cognitiva das informantes. Há de se considerar também que as espécies mais utilizadas são as primeiramente lembradas e que as informantes não têm todas os mesmos problemas ou as mesmas necessidades. As plantas que obtiveram maior frequência de citação foram: sucuúba (*Himatanthus sucuuba* e *H. articulata*) e verônica (*Dalbergia monetaria* e *D. ecastophyllum*) (18 citações cada), pariri (*Arrabidaea chica*) e pega-pinto (*Boerhaavia paniculata*) (16), andiroba (*Carapa guianensis*) (15) e barbatimão² (*Connarus perrottetii*) (14). Entre estas, *Himatanthus sucuuba*, *Dalbergia monetaria*, *Arrabidaea chica* e *Carapa guianensis* têm os seus usos relatados para várias comunidades amazônicas, conforme estudos etnobotânicos consultados (FURTADO; SOUZA; BERG, 1978; BRANCH, SILVA 1983; GRENAND; MORETTI; JACQUEMIN, 1987; AMOROZO, GÉLY, 1988; BERG, 1993; MING, 1995; URQUIZA *et al.*, 1999; MPEG/SECTAM, 1999). Quanto à *Connarus perrottetii*, seu uso foi relatado por Furtado, Souza e

Berg (1978), Grenand, Moretti e Jacquemin (1987), Amorozo; Gély (1988) e Urquiza *et al.* (1998). *Himatanthus articulata* é utilizada em outras comunidades do litoral paraense (BASTOS, 1995; URQUIZA *et al.*, 1998), em áreas de restinga no estado do Alagoas (STAVISKY, 1990) e foi citada para uma comunidade Aluku na Guiana Francesa (FLEURY, 1991). De acordo com a literatura, *Dalbergia ecastophyllum* é menos expressiva, tendo seu uso relatado apenas no litoral paraense (BASTOS, 1995).

Ao calcular a frequência de citação de *sucuúba* e *verônica*, consideraram-se as etnoespécies, porque as informantes utilizam-nas indiferentemente, embora reconheçam tratar-se de plantas distintas em função de seus respectivos habitats (*sucuúba do campo* e *sucuúba da mata*; *verônica do mangal* ou *do igapó* e *verônica da praia* ou *da terra firme*) ou ainda da cor de seu lenho (*verônica vermelha* e *verônica branca*). Ademais, no caso da etnoespécie *verônica*, a vermelha (*Dalbergia monetaria*) é tida como mais eficaz e, mais raramente, encontrada do que a branca (*D. ecastophyllum*). Porém, seu uso parece estar condicionado à acessibilidade ou não desses recursos, o que atesta a facilidade de adaptação dos usuários ao que o ambiente mais próximo oferece.

Por outro lado, 155 espécies (68%) apresentaram frequência de citação inferior a 25%; dessas, 63 foram citadas por apenas uma informante. Provavelmente, essa única citação esteja relacionada a fatores diversos, tais como: certas plantas foram coletadas durante excursões em diferentes zonas de vegetação com diferentes informantes; algumas foram buscadas em localidades situadas na área agrícola; outras parecem ser conhecidas e mais particularmente empregadas por especialistas para tratar problemas de saúde reconhecidos nos seus respectivos campos de ação e, por fim, outras são espécies cultivadas e dificilmente obtidas, trazidas, em geral, por familiares vivendo em outras localidades, especialmente Belém, cujo mercado Ver-o-Peso é importante referencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo revela a importância dos recursos vegetais no contexto da medicina tradicionalmente praticada em uma comunidade pesqueira do litoral paraense, além de evidenciar o vasto conhecimento detido pelos informantes sobre tais recursos. Contribui, ainda, para valorizar os ambientes naturais e antropogênicos, onde estes últimos são explorados, ao mesmo tempo em que identifica as espécies de uso mais representativo.

REFERÊNCIAS

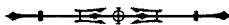
- ALEXIADES, M. 1996. Collecting Ethnobotanical Data: An Introduction to Basic Concepts and Techniques. In: Alexiades, M.; Sheldon, J. M. (Eds.). Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual. New York, New York Botanical Garden Press. *Advances in Economic Botany*, v. 10, p. 53-94.
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, Pará, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.*, v. 4, n. 1, p. 47-131.
- AMOROZO, M. C. M. 1993. Algumas notas adicionais sobre o emprego de planta e outros produtos com fins terapêuticos pela população cabocla do Município de Barcarena, Pará, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.*, v. 9, n. 2, p. 249-266.
- AMOROZO, M. C. M. 1997. Algumas notas adicionais sobre o emprego de planta e outros produtos com fins terapêuticos pela população cabocla do Município de Barcarena, Pará, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.*, v. 13, n. 2, p. 191-213.
- BASTOS, M. N. do C. A 1995. Importância das formações vegetais da restinga e do manguezal para as comunidades pesqueiras. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Antropol.*, v. 11, n. 1, p. 41-56.
- BASTOS, M. N. do C.; ROSÁRIO, C. S.; LOBATO, L. C. B. 1995. Caracterização fitofisionômica da restinga de Algodual, Maracanã-PA, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.*, v. 11, n. 2, p. 173-197.
- BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of northern South America. *Economic Botany*, v. 54, p. 90-102.
- BERG, M. E. 1982. *Plantas medicinais na Amazônia - Contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém: CNPq/PTU. 223 p.
- BERG, M. E. 1984. Ver-o-Pêso: Ethnobotany of an Amazonian market. In: Prance, G. T. (ed.) *Ethnobotany in the neotropics*. New York, New York Botanical Garden. p. 140-149.
- BERG, M. E. 1993. *Plantas medicinais na Amazônia - Contribuição ao seu conhecimento sistemático*. 2. ed. rev. e aum. Belém: CNPq/PTU. 207 p.
- BERG, M. E.; SILVA, M. H. L. da. 1988a. Contribuição à flora medicinal do Mato Grosso do Sul. *Acta Amaz.*, v. 18, n. 1-2, p. 9-22.
- BERG, M. E.; SILVA, M. H. L. da. 1988b. Contribuição ao conhecimento da flora de Roraima. *Acta Amaz.*, v. 18, n. 1-2, p. 23-35.
- BOOM, B. M. 1987. Ethics in Ethnopharmacology. *Journal Ethnobiology*, p. 147-153.
- BRANCH, L. C.; SILVA, M. F. 1983. Folkmedicine of Alter do Chão, Pará, Brazil. *Acta Amaz.*, v. 13, p. 737-797.
- CAVALCANTE, P. B.; FRIKEL, P. 1973. A Farmacopéia Tiriyo - Estudo etno-botânico. *Publicações Avulsas do Mus. Para. Emílio Goeldi*, v. 4, p. 1-145.
- COELHO-FERREIRA, M. R. 1996. Le marché des plantes médicinales à Manaus. In: EMPERAIRE, L. (ed.). *La Forêt en Jeu: L'Extractivisme en Amazonie Centrale*, Paris: ORSTOM/UNESCO. p. 173-177.
- COELHO-FERREIRA, M. R. 2001. Saberes tradicionais: uso e manejo de recursos medicinais em uma vila pesqueira. In: PROST, M.T.R.C.; MENDES, A. (org.). *Ecossistemas Costeiros: impacto e gestão ambiental*. Belém: MPEG. p. 201-214.
- COSTA NETO, S. V.; BASTOS, M. N. do C.; LOBATO, L. C. B. 1996. Composição florística e fitofisionomia da restinga do Crispim, Município de Marapanim, Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.*, v. 12, n. 2, p. 237-249.
- CRONQUIST, A. 1981. *An integrated system of classification of flowering plants*. New York: Columbia University Press. 1262 p.
- DI STASI, L. C. et al. 1989. *Plantas Medicinais na Amazônia*. São Paulo: Unesp. 194p.
- DI STASI, L. C. et al. 1994. Medicinal plants popularly used in Brazilian Amazon. *Fitoterapia*, v. 65, n. 6, p. 529-540.
- ETKIN, N. L. 1993. Anthropological methods in ethnopharmacology. *J. of Ethnopharmacol.*, v. 38, p. 93-104.
- FLEURY, M. 1991. *Busi-nenge: les hommes-forêt. Essai d'ethnobotanique chez les Aluku (Boni) en Guyane Française*. Tese (Doutorado) Université Paris 6.
- FRIEDMAN, J. et al. 1986. A preliminary classification on the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among Bedouins in the Negev Desert, Israel. *J. of Ethnopharmacol.*, v. 16, p. 275-287.
- FURTADO, L. G. 1987. *Curralistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 366 p.
- FURTADO, L. G.; SOUZA, R. C.; BERG, M. E. 1978. Notas sobre uso terapêutico de plantas pela população cabocla de Marapanim, Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova série Antropol.*, v. 70, p. 1-31.
- GOTTLIEB, O. R.; BORIN, M. R. de M. B. 1997. Natural products research in Brazil. *Ciência e Cultura*, v. 49, n. 5/6, p. 315-320.
- GOTTLIEB, O. R.; BORIN, M. R. de M. B.; BOSISIO, B. M. 1995. Chemosystematic clues for the choice of medicinal and foods plants in Amazonia. *Biotropica*, v. 27, n. 3, p. 401-406.
- GOTTLIEB, O. R.; BORIN, M. R. de M. B.; BOSISIO, B. M. 1996. Trends of plant use of humans and non-humans primates in Amazonia. *American J. of Primatology*, v. 40, p. 189-195.



- GRENAND, P.; MORETTI, C.; JACQUEMIN, H. 1987. *Pharmacopées Traditionnelles en Guyane: Créoles, Palikur, Wayãpi*. Paris: ORSTOM. 569 p.
- MING, L. C. 1995. *Levantamento das Plantas Medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes" - Acre*. Tese (Doutorado) UNESP.
- MING, L. C. 1996. Coleta de Plantas Medicinais. In: Di Stasi, L. C. (ed.). *Plantas Medicinais: Arte e Ciência - Um Guia de Estudo Interdisciplinar*. Botucatu: UNESP. p. 69-86.
- MPEG/SECTAM. 1999. *Manejo e Valorização Econômica dos Recursos Naturais da APA de Algodão-PA. RELATÓRIO TÉCNICO/99*. Convênio 059/97.
- PRANCE, G. T. 1987. Etnobotânica de algumas tribos amazônicas. In: SUMA Etnológica Brasileira. v. 1. Etnobiologia. Ribeiro, D. (Ed.). Petrópolis: Vozes. p. 15-25.
- SCHULTES, R. E.; RAFFAUF, R. F. 1990. *The healing forest: medicinal and toxic plants of the northwest Amazonia*. Oregon: Dioscorides Press. 484 p.
- SOMAVILLA, N. S. 1998. *Utilização de plantas medicinais por uma comunidade garimpeira do sudeste matogrossense, Alto Coité - Poxoréo, MT*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso.
- SOUZA BRITO, A. R. M.; SOUZA BRITO, A. A. 1993. Forty years of brazilian medicinal plant research. *J. of Ethnopharmacol.*, v. 39, p. 53-67.
- STAVISKI, M. N. R. 1990. Nota preliminar sobre plantas medicinais ocorrentes em áreas de restinga, no estado de Alagoas. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36, Manaus, 1984. *Anais...* Brasília: IBAMA. p. 388-392.
- URQUIZA, N. G. *et al.* 1999. Estudo etnobotânico na comunidade de Fortalezinha, Ilha de Maiandeuá, Município de Maracanã (PA). In: Congresso Nacional de Botânica, 50. *Resumos...*, Blumenau.

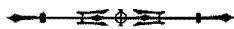
Recebido: 31/10/2002

Aprovado: 30/05/2003



Anexo 1. Espécies integrantes da fitofarmacopéia de Marudá, município de Marapanim, Pará

Nome vernacular	Nome científico	Fce	Família	Hábito	Habitat
abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	13	Lauraceae	A	Q
abre caminho, trevo-cumarú	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	3	Acanthaceae	H	Q
açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	5	Arecaceae	A	Q
acapú	<i>Vouacapoua americana</i> Aubl.	5	Caesalpinaceae	A	TF
acauã-tajá	<i>Hyptis</i> cf. <i>spicata</i> Benth.	1	Lamiaceae	H	Q
ajirú	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	1	Chrysobalanaceae	a	Re
ajirú-do-mato, ajiruzinho	<i>Hirtella racemosa</i> Lam.	1	Chrysobalanaceae	a	Ms, Re
alfavaca	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	5	Lamiaceae	H	Q
alfavacão, alfavaca	<i>Ocimum</i> cf. <i>selloi</i> Benth.	8	Lamiaceae	H	Q
algodão branco	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	8	Malvaceae	a	Q
alho	<i>Allium sativum</i> L.	11	Liliaceae	H	Q
amapá	<i>Parahancornia amapa</i> (Huber) Ducke	3	Apocynaceae	A	FI
ameixa	<i>Eugenia cumini</i> (L.) Druce	1	Myrtaceae	A	Q
amor crescido, pirixi	<i>Portulaca pilosa</i> L.	5	Portulacaceae	H	Q
anador	<i>Plectranthus barbatus</i> Benth.	3	Lamiaceae	H	Q
anazininho-do-mato,					
ananaí, ananás bravo	<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B.Smith	2	Bromeliaceae	H	Ms, Re
anani	<i>Symphonia globulifera</i> B. Maguire	7	Clusiaceae	A	FI
andrioba	<i>Carapa guianensis</i> Aublet.	15	Meliaceae	A	FI, TF
angélica	<i>Guettarda angelica</i> Mart.	2	Rubiaceae	a	Ms, Re
anil, anis	<i>Indigofera anil</i> L.	1	Fabaceae	A	Ru
apií	<i>Dorstenia asaroides</i> Gard.	2	Moraceae	H	Q, Ru
apuí	<i>Ficus guianensis</i> Desv. ex Ham.	5	Moraceae	A	Ms, Q
araruta	<i>Marantha arundinacea</i> L.	1	Maranthaceae	H	Q
ariquena	<i>Croton matourensis</i> Aubl.	3	Euphorbiaceae	A	Ms, Re
arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	13	Rutaceae	H	Q
babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burman	5	Liliaceae	H	Q
balde	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standley	2	Cucurbitaceae	T	Ro
bambã-de-arara	<i>Combretum cacoucia</i> (Bailon)				
	<i>Execl ex Sandw.</i>	1	Combretaceae	T	Ms
bambã-de-arara,					
bambã-do-espírito santo	<i>Amasonia campestris</i> Mold.	4	Verbenaceae	H	Ms, Re, Q
bambã-de-arara	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	1	Heliconiaceae	H	Ms, Ru
banana roxa	<i>Musa</i> sp.	1	Musaceae	A	Q
barbatimão 1	<i>Maytenus myrsinoides</i> Reiss.	6	Celastraceae	A	Re
barbatimão 2	<i>Connarus perrottetii</i> (DC) Planchon var. <i>angustifolius</i> Radlk	14	Connaraceae	A	Ms
batalha	<i>Wedelia paludosa</i> DC	2	Asteraceae	H	Q, Ru
batacão	<i>Operculina alata</i> (Harm.) Hub.	4	Convolvulaceae	T	Q, Ro
bode-caá	<i>Cordia multispicata</i> Cham.	1	Boraginaceae	a	Re
boldo, sacaca	<i>Vernonia condensata</i> Baker	5	Asteraceae	a	Q
borboleta, borboleta branca	<i>Hedychium coronarium</i> König	6	Zingiberaceae	H	Q
brasileirinha	<i>Caladium lindenii</i> Hort. ex Engl.	1	Araceae	H	Q
breu branco	<i>Protium heptaphyllum</i> March.	4	Burseraceae	A	Re
bucha	<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	2	Cucurbitaceae	T	Q
buiuçú	<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	2	Fabaceae	A	FI
caabi, pajézinho	<i>Cabi paraensis</i> Ducke	8	Malpighiaceae	T	Q
cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	7	Cucurbitaceae	T	Q
cai-sêca-do mangal,	<i>Rhabdadenia biflora</i>				
jutaí-sêca do mangal	(N. J. Jacquin) Muell. Arg.	1	Apocynaceae	a	Mg, Re



Nome vernacular	Nome científico	Fce	Família	Hábito	Habitat
cajuçara	<i>Turnera brasiliensis</i> Willd.	1	Turneraceae	a	Ms, Re
cajú-açú, cajú-i	<i>Anacardium giganteum</i> L.	2	Anacardiaceae	A	Ms
cajeiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	11	Anacardiaceae	A	Q, Re
cala-a-boca	<i>Colocasia</i> sp.	1	Araceae	H	Q
camapô, camapú	<i>Physalis angulata</i> L.	4	Solanaceae	s.a.	Q, Ro
camembeca	<i>Polygala spectabilis</i> Sw.	5	Polygalaceae	s.a	Re
canarana	<i>Costus spicatus</i> Sw.	6	Zingiberaceae	H	Q
canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Nees	5	Lauraceae	A	Q
capim da beira da praia	<i>Spartina alterniflora</i> Lois.	1	Poaceae	H	Mg
capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf	3	Poaceae	H	Q
carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	1	Oxalidaceae	A	Q
caratepê, pocoró	<i>Tabernaemontana angulata</i> C. Martius ex Muell. Arg.	3	Apocynaceae	a	Q, Ms, Re
carrapato, mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	6	Euphorbiaceae	a	Ro, Ru
carrapicho-de-ovelha	<i>Acanthospermum australe</i> Kuntze	4	Asteraceae	H	Ru, Re
castanheira, castanha-do-Pará,	<i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.	6	Lecythidaceae	A	TF
castanha-de-ouriço	<i>Terminalia catappa</i> L.	3	Combretaceae	A	Q, Ru
castanhola	<i>Terminalia catappa</i> L.	3	Combretaceae	A	Q, Ru
catanga-de-mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	8	Lamiaceae	H	Q
catininga	<i>Cordia nodosa</i> Lamarck	1	Boraginaceae	a	Ms
cebola	<i>Allium cepa</i> L.	5	Liliaceae	H	Q
cebola brava	<i>Hippeastrum equestre</i> Herb.	3	Liliaceae	H	Q, Ms, Ro
cebola brava	<i>Clusia grandiflora</i> Splitg.	2	Clusiaceae	a	Re
cebolinha branca	<i>Allium</i> sp.	2	Liliaceae	H	Q
cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	3	Meliaceae	A	TF
chicória	<i>Erygium foetidum</i> L.	2	Apiaceae	H	Q
cidreira	<i>Polygala monticola</i> Kunth	1	Polygalaceae	H	Q, Re
cipó-d'alho	<i>Adenocalymna alliaceum</i> Miers.	7	Bignoniaceae	T	Q
cipó-pucá	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson et Jarvis	7	Vitaceae	T	Q
cipó-tracuá, tracuá	<i>Philodendron acutatum</i> Schott.	3	Araceae	C	Re
côco, côco pingo-de-ouro,	<i>Cocos nucifera</i> L.	7	Arecaceae	A	Q
côco amarelo	<i>Cocos nucifera</i> L.	7	Arecaceae	A	Q
comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	3	Araceae	H	Q
copaíba	<i>Copaifera martii</i> Hayne	4	Caesalpiniaceae	A	Ms, Re
copaíba	<i>Copaifera</i> spp.	2	Caesalpiniaceae	A	TF
coramina,	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Poit.	7	Euphorbiaceae	H	Q
sapatinho-de-nossa senhora	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Poit.	7	Euphorbiaceae	H	Q
corrente branca	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng) Pedersen	4	Amaranthaceae	H	Q
couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	3	Brassicaceae	H	Q
cravo amarelo, cravo-de-defunto	<i>Tagetes patula</i> L.	1	Asteraceae	H	Q
cuandú, feijão cuandú	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	2	Fabaceae	a	Q
cuia	<i>Crescentia cujete</i> L.	1	Bignoniaceae	A	Q
cuia-de-pajé	<i>Polyscias balfouriana</i> L.H.Bailey	2	Araliaceae	a	Q
cuirana-do-mato	<i>Terminalia lucida</i> Hoff. ex Martius	1	Combretaceae	A	Ms
cuminho	<i>Cuminum cyminum</i> L.	1	Apiaceae	H	Q
curatá-marinho	<i>Agave</i> sp.	1	Agavaceae	H	Q
disciplina	<i>Tradescantia</i> sp.	1	Commelinaceae	H	Q
elixir paregórico	<i>Piper callosum</i> Ruiz et Pav.	4	Piperaceae	H	Q
erva-cidreira, cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	3	Verbenaceae	H	Q
erva-de-jabutí, cumê-de-jabutí,	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) H.B.K.	4	Piperaceae	H	Q, Ru
comida-de-jabutí ou jabuti-motá	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) H.B.K.	4	Piperaceae	H	Q, Ru

Nome vernacular	Nome científico	Fce	Família	Hábito	Habitat
escada-de-jabutí, cipó-escada	<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	3	Caesalpinaceae	C	Fl, TF
espada-de-cobra, tajá-de-cobra	<i>Sansevieria</i> sp.	1	Agavaceae	H	Q
espada-de-são Jorge, jiboinha	<i>Sansevieria trifasciata</i> Laurentii	2	Agavaceae	H	Q
estrela-do-mar	n.i.	1	Crassulaceae	H	Q
fava, fava do igapó	<i>Vatairea guianensis</i> Aubl.	2	Fabaceae	A	Fl
feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	2	Fabaceae	T	Q
felicidade-do-homem	n.i.	1	Zingiberaceae	H	Q
gingibre	<i>Zingiber officinalis</i> Rosc.	4	Zingiberaceae	H	Q
gergelim preto, zezelim	<i>Sesamum indicum</i> DC	5	Pedaliaceae	H	Q, Ru
girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	1	Asteraceae	H	Q
goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	7	Myrtaceae	A	Q
graviola	<i>Annona muricata</i> L.	4	Annonaceae	A	Q
hortelão, hortelão grande,					
malvarisco	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Sprengel	8	Lamiaceae	H	Q
hortelãzinho, vergamota cabeluda	<i>Mentha pulegium</i> L.	8	Lamiaceae	H	Q
imbaúba branca	<i>Cecropia leucocoma</i> Miq.	4	Moraceae	A	Ms
ingá-tururi	<i>Inga heterophylla</i> Willd.	1	Mimosaceae	A	Ms, Re
jamacarú	<i>Cereus</i> sp.	7	Cactaceae	Cac	Q
jambú	<i>Spilanthes oleracea</i> L.	2	Asteraceae	H	Q
japana roxa ou japana branca	<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl. f. roxa e <i>E. triplinerve</i> Vahl. f. branca	4	Asteraceae	H	Q
japana-do-sertão, japana-da-Bahia,					
japana baiana, camelitana	n.i.	3	Acanthaceae	H	Q
jasmim	<i>Plumeria rubra</i> L.	1	Apocynaceae	A	Q
jasmim branco	<i>Plumeria alba</i> L.	3	Apocynaceae	A	Q
jipóoca	<i>Entada polyphylla</i> Benth.	1	Mimosaceae	C	Re, Ru
jiricó	<i>Aristolochia peltato-deltaoidea</i> Hoehne	2	Aristolochiaceae	H	Q, Ms
jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	12	Caesalpinaceae	A	Q
juquiri, jiquiri	<i>Machaerium lunatum</i> Ducke	3	Fabaceae	A	Re
jutáí	<i>Hymenaea parvifolia</i> L.	5	Caesalpinaceae	A	Ms
lacre vermelho	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	3	Clusiaceae	A	Ms, Re
laranja	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	9	Rutaceae	A	Q
laranja-da-terra	<i>Citrus aurantium</i> L.	3	Rutaceae	A	Q
limão	<i>Citrus</i> sp.	8	Rutaceae	A	Q
limão galego	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	1	Rutaceae	A	Q
língua-de-vaca	<i>Elephantopus scaber</i> L.	5	Asteraceae	H	Ru, Re, Q
losna	<i>Ambrosia microcephala</i> DC.	1	Asteraceae	H	Q
malva branca	<i>Waltheria americana</i> L.	2	Sterculiaceae	H	Ru
malva rosa, malva cheirosa	<i>Pelargonium zonale</i> L'Herit.	4	Geraniaceae	H	Q
mamão	<i>Carica papaya</i> L.	3	Caricaceae	A	Q
mangue, mangueiro,					
flor do mangue,	<i>Rhizophora mangle</i> L.	5	Rhizophoraceae	A	Mg
mangue-de-botão	<i>Conocarpus erectus</i> L.	1	Combretaceae	A	Mg
mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	6	Anacardiaceae	A	Q, Ru
manjeriço	<i>Ocimum minimum</i> L.	12	Lamiaceae	H	Q
manjeriço roxo	<i>Ocimum</i> cf. <i>brasiliensis</i>	5	Lamiaceae	H	Q
manjerona	n.i.	4	Lamiaceae	H	Q
mão-aberta	<i>Caladium</i> sp.	1	Araceae	H	Q
mão-aberta, vence-tudo,					
tajá-cauã, tajazinho	<i>Caladium bicolor</i> Ait.	1	Araceae	H	Q
maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	2	Passifloraceae	T	Q



Nome vernacular	Nome científico	Fce	Família	Hábito	Habitat
maria-mole	<i>Commelina</i> sp.	1	Commelinaceae	H	Q
marupazinho, anajá,					
inajá, nambú-tutano	<i>Eleutherine plicata</i> Hubert	4	Iridaceae	H	Q
mastruz, mastruço	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	8	Chenopodiaceae	H	Q, Ru
mata-pasto	<i>Senna reticulata</i> (Willd.) Irwin & Barneby	2	Caesalpiniaceae	a	Ru
maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	2	Cucurbitaceae	T	Q, Ro
melancia	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	1	Cucurbitaceae	T	Ro
melão-de-são caetano,					
são caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	3	Cucurbitaceae	T	Q
milho	<i>Zea mayz</i> L.	3	Poaceae	H	Ro, Q
mucajazeiro	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Loddiges ex Mart.	1	Arecaceae	A	Ms
mucura-caá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	10	Phytolaccaceae	H	Q
murta	<i>Myrcia silvatica</i> Barb. Rodr.	3	Myrtaceae	a	Ms, Re
murtinha	<i>Myrcia bracteata</i> (Rich.) DC.	1	Myrtaceae	a	Ms, Re
murumbaca	<i>Astrocaryum gynacanthum</i> Mart.	2	Arecaceae	A	Re
mururé	<i>Brosimum acutifolium</i> Hub.	1	Moraceae	A	TF
muruteteca, muruqueteca	<i>Tetracera willdenowiana</i> subsp. <i>willdenowiana</i>	1	Dilleniaceae	C	Ms
mussambê 1	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	2	Capparidaceae	s.a	Ru
mussambê 2	<i>Cleome latifolia</i> Vahl. ex DC.	2	Capparidaceae	s.a	Q, Ru
oriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	4	Lamiaceae	H	Q
pamarioba	<i>Senna occidentalis</i> Link.	4	Caesalpiniaceae	a	Q, Ru
pampolha	<i>Hybiscus rosa-sinensis</i> L.	1	Malvaceae	a	Q
papagainho vermelho, saracurinha	<i>Alternanthera ficoidea</i> R.Br.	6	Amaranthaceae	H	Q
pariri	<i>Arrabidaea chica</i> Verl.	16	Bignoniaceae	T	Q
pata-de-vaca, pé-de- vaca,					
mão-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link.	5	Caesalpiniaceae	A	Q
patchuli	<i>Vetiveria zizanioides</i> Nash.	4	Poaceae	H	Q
pau-brasil	<i>Erythrina</i> sp.	1	Fabaceae	A	Q
pau-de-angola ¹ , alecrim-de-angola,					
alecrim de planta	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	7	Verbenaceae	a	Q
pau-de-angola ²	<i>Piper arboreum</i> Ruiz et Pav.	3	Piperaceae	a	Q
pau-pelado, dedo-de-Deus	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	2	Euphorbiaceae	A	Q
pecaunha, pecaonha-do-mato	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Schultze	7	Violaceae	H	Ru, Re
pega-pinto, solidônia	<i>Boerhaavia diffusa</i> L.	16	Nyctaginaceae	H	Ru
perpeta branca	<i>Gomphrena</i> sp.	2	Amaranthaceae	H	Q
perpeta roxa	<i>Gomphrena globosa</i> L.	2	Amaranthaceae	H	Q
pião branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	12	Euphorbiaceae	a	Q
pião-pajé	<i>Jatropha multifida</i> L.	2	Euphorbiaceae	a	Q
pião-pajé	<i>Jatropha podagrica</i> Hook	1	Euphorbiaceae	s.a	Q
pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	7	Euphorbiaceae	a	Q
pimenta-dos-lagarto	<i>Cleome aculeata</i> L.	1	Capparidaceae	H	Q
pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	3	Piperaceae	a	Q
pimenta-longa	<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	1	Piperaceae	a	Q
pimenta malaguêta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	1	Solanaceae	a	Q
pinicilina-em-planta	<i>Alternanthera</i> sp.	1	Amaranthaceae	s.a	Q
piprioca	<i>Kyllinga</i> sp.	7	Cyperaceae	H	Q
piquiá	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	1	Caryocaraceae	A	Ms
pirarucú	<i>Bryophyllum calicinum</i> Salisb.	5	Crassulaceae	H	Q
pluma	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	7	Asteraceae	H	Q
pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth.	1	Arecaceae	A	Ms
quebra-pedra, quebra-pedra branco	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	5	Euphorbiaceae	H	Q, Ru



Nome vernacular	Nome científico	Fce	Família	Hábito	Habitat
quebra-pedra roxo	<i>Phyllanthus</i> sp.	1	Euphorbiaceae	H	Q, Ru
quebra-pedra verdadeiro	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	3	Euphorbiaceae	H	Q, Ru
quina	<i>Quassia amara</i> L.	8	Simarubaceae	a	Q
raiz-do-sol	<i>Derris floribunda</i> Naves	1	Fabaceae	C	Ms
rinchão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	1	Verbenaceae	H	Q, Ru
rio-negro	<i>Philodendron andreanum</i> Devanpaye	2	Araceae	H	Q
rosa branca	<i>Ervatamia coronaria</i> (N. J. Jacquin) Stapf	5	Apocynaceae	a	Q
rosa vermelha graúda	<i>Rosa</i> sp.	2	Rosaceae	a	Q
sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	5	Sambucaceae	A	Q
salsa, salsa-da-praia	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desc.) Roem. Schult.	5	Convolvulaceae	T	Re, Ru
sangue-de-cristo	<i>Aristolochia rodriguesii</i> Hoehne	1	Aristolochiaceae	T	Q
sucurijú	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	6	Asteraceae	T	Q
sucuúba	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl.) Woodson	18	Apocynaceae	A	Re
sucuúba	<i>H. succuba</i> (Spruce) Woodson	18	Apocynaceae	A	Fl. TF
tajá-cauã	<i>Hyptis</i> cf. <i>desertorum</i> Pohl. ex Benth.	1	Lamiaceae	H	Q
tajá-de-pena	<i>Caladium</i> sp.	1	Araceae	H	Q
taperebá	<i>Spondias mombin</i> L.	6	Anacardiaceae	A	Q, Ms, TF, FI
taperebazinho	<i>Polyscias</i> sp.	1	Araliaceae	H	Q
tapirica	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	2	Anacardiaceae	A	Ms, Re
terramicina-em-planta	<i>Alternanthera</i> sp	3	Amaranthaceae	s.a	Q
timbó	<i>Lonchocarpus nicou</i> DC.	2	Fabaceae	a	Q
tinteiro	<i>Laguncularia racemosa</i> Gaertn. f.	1	Combretaceae	A	Mg
tomate, tomateiro	<i>Lycopersicon esculentum</i> L.	3	Solanaceae	a	Q
tucumã, espinho	<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	3	Arecaceae	A	Ms
ucuúba, cuubeira	<i>Virola surinamensis</i> (Rottb.) Warb.	6	Myristicaceae	A	FI
uichi	<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrecasas	1	Humiriaceae	A	Ms
umiri	<i>Humiria balsamifera</i> J. St.-Hil.	3	Humiriaceae	A	Re
urtiga branca	<i>Jatropha urens</i> L.	2	Euphorbiaceae	a	Ru, Re
urubu-caá	<i>Lantana camara</i> L.	1	Verbenaceae	s.a	Ru, Ms
urucú	<i>Bixa orellana</i> L.	4	Bixaceae	A	Q
vai-e-volta	<i>Calathea</i> sp.	2	Maranthaceae	H	Q
vassourinha 1	<i>Scoparia dulcis</i> L.	7	Scrophulariaceae	H	Q, Ru
vassourinha 2	<i>Myrciaria tenella</i> (DC.) Berg	2	Myrtaceae	a	Ms, Re
vassoura-de-botão, vassourinha-de-botão,					
malva-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.F.W.Meyer	7	Rubiaceae	H	Q, Ru
vence-tudo	<i>Commelina</i> sp.	2	Commelinaceae	H	Q
vergamota, chame-foiha	n.i	1	Lamiaceae	H	Q
vergamota lisa	<i>Mentha</i> sp.	3	Lamiaceae	H	Q
verônica	<i>Dalbergia monetaria</i> L.f.	18	Fabaceae	C	Mg
	<i>D. ecastophyllum</i> (L.) Taub.	18	Fabaceae	C	Re
vicky	<i>Mentha spicata</i> Crantz	1	Lamiaceae	H	Q
vinagreira roxa	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	4	Malvaceae	a	Q
vindecaá	<i>Alpinia nutans</i> Rosc.	9	Zingiberaceae	H	Q
vindecaá-pajé	<i>Renalemia</i> sp.	2	Zingiberaceae	H	Q

Fce: frequência de citação da espécie

Hábito: A - arbóreo; a - arbustivo; s.a - subarbusitivo; H - herbáceo; C - cipó; T - trepadeira

Habitat: FI - floresta inundável; Mg - manguezal; Ms - mata secundária; Q - quintal; Re - restinga; Ro - roça; Ru - ruderal; TF - mata de terra firme

n.i.: não identificada

